

**UMA NOVA HISTÓRIA DE FRANCISCO DE
ASSIS? POSSIBILIDADES DE PESQUISAS A
PARTIR DE UMA RECENTE DESCOBERTA
(VITA BEATI PATRIS NOSTRI FRANCISCI,
DE TOMÁS DE CLEANO)**

A NEW HISTORY OF FRANCIS OF ASSISI? POSSIBILITIES OF
RESEARCH FROM A RECENT DISCOVERY (*VITA BEATI
PATRIS NOSTRI FRANCISCI*, BY THOMAS OF CELANO)

GUSTAVO DA SILVA GONÇALVES*

Resumo: Este artigo visa realizar uma análise da nova hagiografia sobre Francisco de Assis, a *Vita beati patris nostri Francisci*, também conhecida como *Vita Brevior*. Redigida por Tomás de Celano, esta hagiografia foi composta entre 1232 e 1239 sob instruções diretas do então ministro-geral da Ordem dos Frades Menores (OFM), frei Elias de Cortona. Sendo localizada em 2014 pelo historiador Jacques Dalarun, este documento está suscitando, entre a comunidade acadêmica e eclesial, diferentes interpretações quanto ao seu uso e sua finalidade. Dessa forma, sendo uma versão *abreviada* da primeira hagiografia sobre Francisco (a *Vita Prima*), cabe apontar algumas questões norteadoras: por quais motivos houve a solicitação da produção de uma nova *Vita*? Frente a isso, o que este documento pode alterar sobre a biografia de Francisco ou sobre a OFM?

Palavras-chave: Francisco de Assis; franciscanos; hagiografia.

Abstract: This article aims to realize an analysis of the new hagiography about Francis of Assisi, the *Vita beati patris nostri Francisci*, also known as *Vita Brevior*. Wrote by Thomas of Celano, this hagiography was composed between 1232 and 1239 under direct instructions of the then Minister General of the Order (OFM), br. Elias of Cortona. Being localized in 2014 by the historian Jacques Dalarun, this document is raising, among the academic and ecclesiastic communities, different interpretations regarding their use and purpose. In this

Artigo recebido em 23 de agosto de 2017 e aprovado em 15 de setembro de 2017.

* Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista CAPES. E-mail: gussgoncalves@gmail.com.

way, being na abbreviated version of the first hagiography about Francis (the *Vita Prima*), worth mention some guiding questions: for which reasons was the request for the production of a new *Vita*? In the face of this, what this document can change about the biography of Francis or about OFM?

Keywords: Francis of Assisi; franciscans; hagiography.

Introdução (ou a reconstituição de uma trajetória)

Quão consolidada está a vida de um personagem histórico? De que forma uma vivência possibilita pensar sobre as condições materiais e as determinações peculiares à cada sociedade? Estas questões, ao lado de inúmeras outras, preocupam os historiadores que almejam reconstituir uma trajetória individual em seus pormenores, em uma tentativa de se compreender a totalidade das expressões de uma sociedade historicamente situada.

Se os personagens históricos são, de forma invariável, entes biológicos, eles não se limitam a esta faceta: de acordo com Gyorgy Lukacs, a reprodução desse fundamento se dá no plano social, modificada pela atividade e processo das relações interpessoais, sendo que o sujeito “reage ativamente a eles, contrapondo às mudanças do mundo exterior um mundo de sua própria práxis, no qual a adaptação à irrevogabilidade da realidade objetiva e seus novos pores do fim que lhe correspondem formam uma unidade indissociável”¹.

Uma vida pode ser compreendida a partir de uma complexa dialética entre exterioridade e subjetividade, a partir de uma abordagem que tente superar ao que Sabina Loriga denominou como “paradoxo do sanduíche”, ou seja, uma vida sufocada pelas ações externas, tendo o personagem em análise como um mero coadjuvante, produzindo uma “mutilação violenta, que acarreta não apenas a morte do herói mas também do homem patológico”². Em outras palavras, a abordagem de uma trajetória é aqui compreendida como um “complexo de complexos”, a partir de uma articulação que se dá entre o ser e a exterioridade que o constitui.³

Em certa medida, essas precauções adotadas no ofício dos biógrafos também se vinculam às interpretações que abordam a vida de um personagem que viveu há mais de

¹ LUKACS, G. *Para uma ontologia do ser social*. Vol. II. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 204.

² LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp. 248-9.

³ Para uma melhor explanação desse ideia, remetemos à leitura: LESSA, S. *Para compreender a ontologia de Lukacs*. São Paulo: Instituto Lukacs, 2015.

oitocentos anos. Contudo, os cuidados frente a esses documentos possuem peculiaridades, haja vista que as hagiografias possuíam como fim a edificação da santidade.⁴

Retornamos, assim, ao início de nossa exposição, em certa medida adaptado ao nosso objeto de análise: quão consolidada está a biografia de Francisco de Assis? Ao lado desse questionamento, é possível afirmar que a historiografia sobre a constituição e o desenvolvimento da Ordem dos Frades Menores estaria destrinchada em seus pormenores?

André Vauchez, ao escrever uma nova biografia sobre o santo, em 2009, perguntava-se se “a mecha valeria a pólvora”, ou seja, se o seu trabalho produzido lançaria novos desdobramentos acerca da historicidade de Francisco.⁵ A questão levantada pelo historiador se atrela à hipótese de que “o *corpus* das legendas franciscanas estava completo, que o tempo das descobertas havia acabado.”⁶ Em outras palavras, os escritos, hagiografias e outros documentos concernentes a Francisco e seus frades estariam completos desde 1922, quando houve a publicação da *Compilação de Assis*.

Tais certezas foram abaladas em 2007 graças à reconstituição, realizada por Jacques Dalarun, de dispersos fragmentos que poderiam vir a ser um novo texto sobre Francisco. Apesar de se terem indícios da existência desta hagiografia desde o início do século XX, o documento foi desconsiderado em diferentes estudos sobre Francisco⁷. A *Legenda da Úmbria*, como o historiador a denominou, reaparecia ao público, às comunidades acadêmicas e também eclesiásticas.

Atento às questões filológicas e históricas da documentação referente ao santo, o autor propôs que ela se inserisse como um elo entre a *Vita Prima* e o *Memoriale in desiderio animae*, redigido pelo mesmo compositor, embora estivesse sob o ministério de Crescêncio de Iesi. Jacques Dalarun ainda defendeu que a descoberta “aparece como uma etapa

⁴ Sobre as abordagens e precauções a serem adotadas nas interpretações das hagiografias medievais, ver: PHILLIPART, G. L'édition médiévale des legendiers latins dans le cadre d'une hagiographie générale. In: FOOTE, P. et alli (orgs). *Hagiography and Medieval Literature: A Symposium*. Odense: Odense University Press, 1981.; PHILLIPART, G. Introduction. In: PHILLIPART, G.; GOULLET, M (orgs.). *Hagiographies: Histoire internationale de la littérature hagiographique latine et vernaculaire en Occident des origines à 1550*. International History of the Latin and Vernacular Hagiographical Literature in the West from its Origins to 1550. Turnholt: Brepols, 1994.

⁵ VAUCHEZ, A. *Francisco de Assis: Entre história e memória*. Lisboa: Instituto Piaget, 2013, p. 20.

⁶ DALARUN, J. *A vida descoberta de Francisco de Assis*. Trad. Igor Salomão Teixeira. Porto Alegre: UFRGS, 2016, p. 15.

⁷ *Idem*. La Légende ombrienne et la résolution de la question franciscaine. In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 151^e année, N. 2, 2007. pp. 781-97.

indispensável de um processo global de reescrita perseguida por um só autor’, no caso, Tomás de Celano.⁸

No período, o historiador ainda afirmou que se tratava de uma hagiografia desconhecida até então, e que, diferentemente do que se imaginava, não se tratava de uma versão provisória para uso de uma composição posterior. Suas hipóteses para aquele período foram bem recebidas; o texto, contudo, representa somente 40% da obra que hoje conhecemos por *Vita beati patris nostri Francisci*, ou simplesmente *Vita Brevior*.

Passaram-se sete anos desde a descoberta da *Legenda da Úmbria*. Foi em 2014 que o mesmo Dalarun, após contato de seu colega Sean Field, localizou um manuscrito que estava à venda no site especializado *Les Enluminures*. Reconhecendo sua importância para os estudos sobre os franciscanos, o historiador sugeriu a aquisição do manuscrito pela Biblioteca Nacional da França. Hoje, em posse da instituição, é denominado pelo termo técnico *NAL 3245*.

O historiador Andre Vauchez, ao realizar um pronunciamento sobre este documento, declarou que a comunidade acadêmica poderia estar diante da descoberta mais importante em meio século de estudos sobre os franciscanos.⁹ Posição similar foi adotada por Sylvain Piron: “Jacques Dalarun apresentou isto que constitui, sem dúvida alguma, uma das mais belas descobertas textuais dos últimos anos e certamente a mais importante descoberta relativa a Francisco de Assis realizada em quase um século”.¹⁰

Como se vê, são duas afirmações de peso adotadas pelos historiadores em um período de “redescoberta” e “reinteresse” pela figura de Francisco, se também recordarmos, ao lado da descoberta da *Legenda da Úmbria* e da *Vita Brevior*, a adoção do nome “Francisco” pelo cardeal Bergoglio em 2013, após sua eleição para o posto de papa da Sé Apostólica.¹¹

⁸ “[...] la *Légende ombrienne* apparaît comme l’étape indispensable d’un processus global de réécriture poursuivi par un seul auteur.” *Idem*. Thomas de Celano *Légende Ombrienne*. In: DALARUN, J. (Org.). *François d’Assise*. Écrits, Vies, témoignages. Paris: Éditions du CERF/Éditions Franciscaines, 2010, pp. 928-9 (grifos nossos).

⁹ VINCENT, C. La vie retrouvée de François d’Assise. *Le Monde*, Paris, 24. Jan. 2015.

¹⁰ “Jacques Dalarun exposa ce qui constitue sans aucun doute l’une des plus belles découvertes textuelles de ces dernières années et assurément la plus importante concernant François d’Assise réalisée depuis près d’un siècle.” PYRON, S. François d’Assise et les créatures: le témoignage de la *Vita brevior*. In: IRIBARREN, I.; VINEL, F. (orgs.). *La restauration de la création: quelle place pour les animaux?* Leiden, Brill. No prelo.

¹¹ Não é o objetivo deste artigo aprofundar as motivações que levaram o cardeal Bergoglio para a adoção desse nome papal. Em todo caso, julgamos oportuno recordar que a escolha da denominação está vinculada a um projeto idealizado para a Cúria Romana. Em suas palavras: “Em relação aos pobres, pensei em Francisco de Assis. Depois pensei nas guerras [...] e Francisco é o homem da paz. Assim me veio o nome ao coração: Francisco de Assis. Para mim, é o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama a criação e zela por ela. [...] É o homem que nos dá esse espírito de paz, o homem pobre... Ah, como gostaria de uma Igreja pobre e

Em entrevista ao jornal oficial da Santa Sé, Jacques Dalarun assinalou que o manuscrito, aparentemente insignificante e de características “franciscanas” em virtude de sua humildade e ausência de adornos, veio a surgir em um oportuno momento de redescoberta da santidade de Francisco.¹² Acreditamos, com certa segurança, que as novas abordagens sobre o frade são decorrentes dessas recentes descobertas, embora demos ênfase ao manuscrito de 2014, por conter a versão completa da *Legenda da Úmbria*. Hoje, a hagiografia integral está à disposição de devotos e pesquisadores, podendo ser consultada a partir da versão digitalizada pela Biblioteca Nacional da França.¹³

De pequenas dimensões (120 x 82mm), o manuscrito possui, para além da nova hagiografia, uma série de importantes documentos referentes à Ordem, como cópias da bula *Solet Annuere* e da *Regra Bulada*. Jacques Dalarun apontou que este pode vir a ser o mais antigo manuscrito produzido dentro da Ordem dos Frades Menores.¹⁴ É possível ainda que contenha o testemunho mais antigo das *Admonitiones* de Francisco de Assis.¹⁵

Outras indicações são possíveis de serem feitas: a partir da análise feita por Dalarun, pode-se afirmar que o manuscrito possivelmente foi produzido por um convento franciscano, quiçá próximo a Assis. Em todo caso, hoje se tem certeza de que esses documentos, para além da nova hagiografia, são oriundos da região central da Itália do século XIII.¹⁶ Nesse sentido, concordamos com Felice Accrocca, quando afirma que o manuscrito é uma descoberta que “remodela as cartas” das documentações sobre Francisco, já que a *Vita Brevior* influenciou, de acordo com as variações específicas de cada documento, as hagiografias posteriores.¹⁷

Em uma ação conjunta que envolve a Biblioteca Nacional da França e o Instituto de Pesquisas e da História dos Textos (IRHT), estão ocorrendo sistemáticas pesquisas sobre o restante do códice. As análises são divididas para cada documento que compõe o manuscrito, sendo encabeçada por dezenas de profissionais de diferentes áreas. Foi estabelecido o prazo

para os pobres!”. Cf. MICCOLI, G. *Francisco: O santo de Assis na origem dos movimentos franciscanos*. São Paulo: Martins Fontes, 2015, pp. 9-10. (grifos nossos).

¹² GUIDI, S. *Il San Francesco ritrovato*. A colloquio con Jacques Dalarun. Disponível em: <http://www.osservatoreromano.va/it/news/il-san-francesco-ritrovato>. (Acesso em 21 de agosto de 2017).

¹³ A versão integral do manuscrito pode ser consultada no link: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10516082m.r=nal%203245>.

¹⁴ DALARUN, J. The New Francis in the Rediscovered Life (Vita Brevior) of Thomas of Celano. In: CUSATO, M.F.; JOHNSON, T.J.; MCMICHAEL, S.T. (Orgs.). *Ordo et Sanctitas: The Franciscan Spiritual Journey in Theology and Hagiography*. Leiden: Brill, 2017, p. 45.

¹⁵ DALARUN, J. *Op. cit.*, p. 27.

¹⁶ Cf. DALARUN, J. Thome Celanensis Vita Beati Patris Nostri Francisci (Vita Brevior). Présentation et édition critique. *Analecta Bollandiana*, vol. 133, n. 1, 2015, P. 27.

¹⁷ ACCROCCA, F. Da Tommaso a Tommaso. La Vita Beati Patris Nostri Francisci nel panorama dell’agiografia franciscana. In: *Frate Francesco*, n. 1., 2017, p. 230.

de dois anos para que os grupos analisassem o conteúdo de cada documento, com a divulgação dos resultados preliminares em setembro de 2017, onde se realizou um colóquio em Paris.

Neste estudo, todavia, nos deteremos à *Vita Brevior*.

A nova hagiografia sobre Francisco

Pode-se afirmar com segurança que a nova hagiografia sobre Francisco de Assis foi redigida por Tomás de Celano durante o generalato de frei Elias, de 1232 a 1239. Esta afirmação é possível graças à menção à *Vita Prima*, primeira composição sobre o frade, feita a pedido de Gregório IX. De acordo com as premissas de Jacques Dalarun, “o autor se apresenta como aquele que havia composto *A Vida do nosso muito glorioso pai Francisco* [...] sob ordens do senhor papa Gregório”.¹⁸. Acreditamos que se trata de uma referência à hagiografia encomendada pela Sé Apostólica logo após a morte de Francisco, no caso, a *Vita Prima*, de 1229.

Conforme Giovanni Paolo Maggioni assinala, o manuscrito hoje manuseado é uma cópia que foi perdida ao longo do tempo. Considerando as deformações e variações próprias de uma cópia, a questão autoral abre margem para se analisar as possíveis motivações para a elaboração desse documento, podendo alterar significativamente a percepção e abordagens realizadas em relação à hagiografia, posto que – tal como propõe Maggioni – pode ter uma conotação coletiva, derivada de uma interação complexa que envolve mais personagens.¹⁹

Dessa noção se deriva um questionamento inicial: se na hagiografia descoberta é possível identificar algumas intervenções no manuscrito por conta de variações estilísticas e até mesmo erros ortográficos, não seria possível acreditar em uma “obra coletiva” na tentativa de consolidar determinada forma da memória sobre Francisco?

É significativo, por exemplo, que Jacques Dalarun tenha afirmado que a redação final poderia ter sofrido interferências de frei Leão, discípulo de Francisco, e um defensor de uma pobreza “absoluta”, contrário às transformações ocorridas na Ordem em um período após a morte do frade fundador.²⁰

A análise crítica do documento torna possível estabelecer uma datação “inicial” aproximada de composição da hagiografia. Neste documento, o frade Antônio de Pádua,

¹⁸ DALARUN, J. *Op. cit.*, p. 27. (grifos nossos).

¹⁹ MAGGIONI, G.P. *La Vita Ritrovata di San Francesco. L'edizione critica della Vita Beati Patris Nostri*. In: *Frate Francesco*, n. 1., 2017, p. 184.

²⁰ Cabe ressaltar que esta hipótese foi criticada por Felice Accrocca. Ver: ACCROCCA, F. *Op. cit.*, p. 233.

interpretado como membro da “segunda geração” dos frades menores²¹ e decretado santo em 1231 através da bula *Cum dicat Dominus*, emitida por Gregório IX, já é entendido como “esse santo que agora lembramos”.²² Além disso, a designação atribuída a esse frade – a saber, *alte tonans* – também é verificada na *Legenda Assídua*, primeira hagiografia sobre Antônio e possivelmente redigida por um frade anônimo em 1232.²³

Outras informações permitem avançar quanto ao tema, provocando, em todo caso, discussões historiográficas: ao passo que Jacques Dalarun optou por situar a redação da hagiografia nos momentos iniciais do generalato de frei Elias – sem precisar com mais detalhes o porquê desta escolha –, tal como frisou Sean Field²⁴, Alexander Horowski afirma que tenha sido composta perto da deposição deste frade, em 1239.

Para sustentar seu argumento, o autor se apoia na primeira menção de que se tem registro à morte de Giovanni Parenti, ministro da Ordem, entre 1227 e 1232.²⁵ Dessa forma, Horowski afirma que, “se a identificação de *frater Iohannes de Ordine Minorum*, que aparece em um documento assinado em 1237 da rainha Adelasia de Torres, *giudicessa da Gallura*, estiver correta, então Giovanni Parenti não morreu antes daquele ano”²⁶.

Por conta dessa interpretação, o autor critica as análises de Dalarun alegando que foram “pouco convincentes”, e insere a redação da hagiografia em um período próximo à deposição de frei Elias da direção da Ordem, sendo que esta datação também permitiria compreender a diminuta difusão da *Vita Brevior*, considerando que pouco tempo depois se teria a solicitação da composição de outras obras sobre o santo.²⁷

Além disso, considerando que Jacques Dalarun inseriu a composição da *Legenda da Úmbria* em um período próximo à deposição de Elias – entre os anos de 1235 e 1245 –, e recordando que esta hagiografia é um modelo parcial da *Vita Brevior*, é de se surpreender que

²¹ RIGON, A. *Dal libro alla folla: Antonio di Padova e il francescanesimo medioevale*. Roma: Viella, 2002, p. 25.

²² DALARUN, J. *Op. cit.*, p. 57.

²³ VITA PRIMA DI S. ANTONIO O ASSIDUA (c. 1232). Introdução, texto crítico, versão italiana e notas por Vergílio Gamboso. Pádua: Edizioni Messaggero Padova, 1981.

²⁴ FIELD, S. New light on the 1230s: History, hagiography and Thomas of Celano’s The Life of Our Blessed Father Francis. In: *Franciscan Studies*, vol. 74, n. 1, 2016, p. 240.

²⁵ “Enquanto viveu, ensinou toda sua família a seguir o Cristo.” DALARUN, J. *Op. cit.*, p. 74.

²⁶ “Se l’identificazione di “frater Iohannes de Ordine Minorum” che appare in un documento sottoscritto nel 1237 dalla regina Adelasia di Torres, giudicessa di Gallura, è corretta, allora Giovanni Parenti morì non prima di quell’anno.” HOROWSKI, A. Intorno alla “Vita Ritrovata” di San Francesco edita da Jacques Dalarun. In: *Collectanea franciscana*, vol. 86, n. 1-2, 2016, p. 272.

²⁷ No caso, pensamos diretamente na *Legenda ad usum chori*, além do *Memoriale*, anteriormente referido.

o mesmo autor tenha retrocedido a datação da nova hagiografia sem justificar o seu posicionamento, o que acabou criando uma contradição entre suas próprias análises.²⁸

Tal como a redação parcial da *Legenda da Úmbria*, a nova hagiografia pouco se focou na juventude de Francisco. Escassas são as informações fornecidas sobre os seus pais; por exemplo, no trecho que diz que Francisco “se dedicava aos negócios e circulava em diversas regiões transportando fardos de panos para vender”, não se identifica nenhuma menção ao seu pai, Pedro Bernadone, conhecido comerciante da região.²⁹ Além disso, a redação da *Vita Brevior* omite a prisão de Francisco durante os conflitos que envolveram a cidade de Assis e a sua rival, Perúgia.

A *Vita Brevior* se centra nos anos de constituição e desenvolvimento da Ordem, atrelando-a à experiência de Francisco em seus últimos anos de vida. Exemplo disso é o relato do momento em que o frade se deslocou para o Monte Alverne e presenciou a aparição do serafim, já nos últimos anos de vida do *Poverello*. De acordo com os relatos hagiográficos, foi em tal período que houve a aparição dos estigmas, milagre amplamente difundido pelas representações iconográficas de Giotto.

Sabe-se que o primeiro relato sobre os estigmas de Francisco são provenientes de uma carta redigida por frei Elias, então vigário-geral da Ordem. Nesse documento não há quaisquer indicações de onde o milagre ocorrera nem em que circunstâncias, o vigário se limitou a afirmar que as marcas surgiram “algum tempo antes de sua morte”.³⁰ A nova hagiografia, entretanto, oferece uma leitura complementar: as marcas em sua carne teriam surgido imediatamente após a visão de Francisco, e o seu pranto, em virtude da incompreensão do ocorrido.

Lê-se na *Vita Brevior*: “[...] começaram a aparecer em suas mãos e pés marcas de pregos, como ele havia visto anteriormente no homem crucificado acima de sua cabeça. Suas mãos e pés pareciam perfurados bem ao meio”.³¹ Esta mudança na redação estaria vinculada à tentativa de convencer a Santa Sé do caráter excepcional de Francisco? Não se pode esquecer que, poucos anos após a composição da *Vita Brevior*, a partir da bula *Confessor Domini*, de 1237, a Sé Apostólica veio a reconhecer a veracidade dessas marcas corporais.

²⁸ DALARUN, J. *Op. cit.*, p. 795.

²⁹ THOMPSON, A. *Francis of Assisi: A New Biography*. Cornell: Cornell University Press, 2012, pp. 5-9.

³⁰ “Peu de temps avant la mort, notre frère et père apparut crucifié, portanto dans son DALARUN, J. (org). *François d'Assise: Écrits, Vies, témoignages*. Édition du VIII Centenaire. Paris: Editions du CEFF/Éditions Franciscaines, 2010, pp. 409-10.

³¹ DALARUN, J. *Op. cit.*, p. 85.

Chiara Frugoni propôs duas motivações que podem ter influenciado a mudança de postura da Santa Sé: em primeiro lugar, Gregório IX e a Cúria Romana podem ter se convencido da veracidade do fato; em segundo, o agravamento dos conflitos com Frederico II fez com que houvesse uma maior aproximação entre os franciscanos e a Igreja.³² Não poderia a nova hagiografia ter desempenhado um papel de persuasão em um momento de necessidade para os personagens envolvidos?

Pode-se apontar, portanto, mesmo que de modo preliminar, que o “milagre das estigmas” na *Vita Brevior* é um importante elemento para futuras pesquisas, já que permaneceu como um tópico em aberto ao longo da história da Ordem.³³

Em todo caso, cabe ressaltar que, ainda de acordo com a *Vita Brevior*, os frades Rufino e Elias tiveram contato visual com as marcas na pele de Francisco imediatamente após o seu surgimento. O relato se distancia da redação do *Memoriale*, também composto por Celano: “Uma vez, vendo os estigmas em seus pés, disse: “Que é isso, meu irmão?” Ele respondeu: “Cuide de seus afazeres!”³⁴. É possível indagar: por que houve tamanha modificação, se considerarmos que o documento foi composto pelo mesmo hagiógrafo?

Além disso, acreditamos que a redação do relato desse milagre se aproxima da hagiografia composta por Boaventura em sua *Legenda Maior*. Como já identificado por Jacques Dalarun, esta hagiografia possui inspirações nas composições de Tomas de Celano, não somente por conta dos milagres póstumos de Francisco, mas também pela ideia do “princípio único” fundante do todo existente.³⁵

Após esses fatos, a nova hagiografia ainda relata uma troca de túnicas que envolveu Francisco e frei Elias imediatamente após a aparição do serafim. Ao redigir de tal forma a hagiografia, apresentando um aspecto jurídico de legitimação do então ministro-geral da Ordem frente aos demais companheiros, Tomás de Celano estaria tentando revestir “aqueles que seguiram” Francisco do “verdadeiro” significado da Ordem, em um momento em que a pobreza começava a perder sua dimensão prática para adquirir um estatuto teórico? Se recordarmos a questão autoral e a coletividade anteriormente mencionada, pode-se haver mais um indício de disputas entre os frades franciscanos.

³² FRUGONI, C. *Vida de um homem*: Francisco de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 130.

³³ Exemplo disso foram as questões levantadas pelo franciscano Pedro Tomás (1280-1320). Cf. BOUREAU, A. *Satã herético*. O nascimento da demonologia na Europa Medieval. Campinas: Unicamp, 2016, pp. 205-8.

³⁴ “Une fois, voyant les stigmates sur ses pieds, um des compagnons lui dit: ‘Qu’est-ce que cela, bom frère?’ Il lui répondit: ‘Occupt-toi de tes affaires!’” DALARUN, J. *Op. cit.*, p. 1627.

³⁵ DALARUN, J. Il nuovo Francesco nella Vita Ritrovata, In: KUMKA, E. (org.). *Tommaso da Celano, agiografo di San Francesco*. Roma: Casa Editrice Miscellanea Francescana, 2016, pp. 113-4.

Foi frei Elias quem adquiriu central importância nos últimos momentos *in vita* de Francisco. A hagiografia relata que, já cego por conta das enfermidades, prevendo sua iminente morte, Francisco convocou os frades para abençoá-los. Contudo, se dirigiu diretamente a Elias:

Filho, disse, eu te abençoo em tudo e por tudo, tu que, assumido meus encargos, virilmente atendeu às vontades dos frades. Visto que, em tuas mãos, o altíssimo os fez crescer e os protegeu, *em ti eu abençoo a todos os outros*. [...] E como estais próximos da tentação e da tribulação futura, felizes daqueles que perseverarem neste caminho. Pois eu me dirijo a Deus, à graça do qual eu vos recomendo todos.³⁶

É possível identificar sutis modificações frente à *Vita Prima*. Em nosso entender, as adições se vinculam à tentativa de consolidar o nome de frei Elias no comando da Ordem. Por exemplo, não há qualquer menção, na primeira hagiografia, à “tribulação futura”, tampouco à centralidade dada por Francisco a frei Elias no momento da “atribuição de encargos”. A redação da hagiografia de Juliano de Espira também é bem diferente da proposta na *Vita Brevior*, não havendo quaisquer indícios de responsabilidades delegadas a frei Elias, aproximando-a, portanto, mais da *Vita Prima*.

Tais citações possibilitam uma melhor compreensão do motivo da menção direta a frei Elias – e não a Gregório IX! – na abertura da *Vita Brevior*. Ao lado disso também se pode mencionar a insatisfação do mesmo hagiógrafo no término da composição do *Memoriale*, onde se lê: “Não podemos fabricar a cada dia coisas novas, nem mudar o que é quadrado em redondo, e nem mesmo aplicar a variedades tão distintas de tantos tempos e vontades o que recebemos em um só homem.”³⁷. Ou seja: esta última hagiografia traz consigo uma “queixa” de Tomás de Celano, já que a aprovação de sua redação foi submetida ao Capítulo Geral da Ordem.³⁸

A insatisfação de Tomás de Celano teria origem na proximidade existente entre o hagiógrafo e o ministro-geral deposto? Seria, ainda, fruto de uma disputa de memórias sobre Francisco dentro da Ordem ou de uma tentativa de consolidação do ministro-geral frente a seus adversários?

A recente descoberta traz também novas informações sobre a santidade de Francisco. Contabilizaram-se trinta e três milagres póstumos relatados pela primeira vez. Se a santidade,

³⁶ DALARUN, J. *Op. cit.*, p. 92.

³⁷ “Nous ne pouvons fabriquer chaque jour des nouveautés, nous ne pouvons changer en rond ce qui est carré, nous ne pouvons appliquer à la diversité si multiple des époques et des volontés ce que nous avons reçu en un seul homme”. *Idem*, p. 1875.

³⁸ *Idem*, p. 1461.

no período em análise, se evidenciava pelos feitos ao longo da vida, os milagres possibilitariam reviver o seu culto e devoção. Esses acréscimos, que foram inseridos no *Memoriale* de 1250, fazem parte da tentativa de consolidar a devoção a Francisco em um período em que seu culto não ultrapassava a região da Úmbria.

Mas aqui reside uma possível armadilha aos historiadores: ao afirmar que essas informações seriam retomadas por Tomás de Celano em 1250, no momento de redação do *Memoriale*, Jacques Dalarun defende que a veracidade dos relatos seria maior em virtude de terem sido realizados pela primeira vez. Ora, qual critério fora usado para mensurar a veracidade desses prodígios? E o fato desses relatos existirem anos antes é suficiente para confirmar uma “verdade absoluta” ou “inquestionável”? Antes disso, não seria preferível pensar o aparecimento dessas informações em relação às próprias disputas internas da Ordem dos Frades Menores ou à tentativa de difundir o culto da santidade de Francisco?

Conforme vem se apresentando, a nova hagiografia é – ou, melhor, era para ser – uma versão resumida da *Vita Prima*, primeira composição sobre Francisco e também redigida por Tomás de Celano. Sabe-se que a redação da *Vita Brevior*, ao contrário de seu modelo predecessor, teve instruções diretas do ministro-geral da Ordem. Essa informação foi fundamental para que Jacques Dalarun compreendesse o teor do documento e afirmasse se tratar de uma obra inédita. Na abertura da hagiografia, inclusive, lê-se a seguinte dedicatória:

Ao venerável e reverendo frei Elias, ministro geral dos Frades Menores.
A Vida de nosso gloriosíssimo pai Francisco que, por ordem do senhor papa Gregório, *mas sob tuas instruções, pai, outrora compus, já há certo tempo, em uma obra mais prolixa*, por causa daqueles que, talvez apropriadamente, criticam sua abundância, *sob tua prescrição*, reduzi-a agora a um breve opúsculo e tomei o cuidado de escrever em um discurso sucinto e resumindo os pontos essenciais e úteis, omitindo o desnecessário.³⁹

É por conta deste excerto que o historiador Marco Guida defendeu que “é evidente e necessário que o primeiro confronto a se fazer é colocar em paralelo a *Vita Prima* e a *Vita Brevior*”⁴⁰. Julgamos que a submissão deste documento a um confronto sinódico, como proposto pelo autor, necessita ser redimensionada. Para além de se pensar em termos estritamente delimitados sobre as hagiografias, concebendo-as meramente como um *corpus* textual, propõe-se que a nova documentação seja compreendida de modo mais amplo, com o objetivo de se debruçar sobre o próprio conceito de hagiografia. Acreditamos que o

³⁹ DALARUN, J. *Op. cit.*, p. 33. (grifos nossos).

⁴⁰ GUIDA, M. Dalla Vita Beati Francisci alla Vita Brevior di Tommaso da Celano: Per un confronto sinottico. In: *Frate Francesco*, n. 1., 2017, p. 192.

alargamento da noção de hagiografia proposto por Anneke Mulder Bakker, entendendo-as como qualquer documentação que concerne à vida de um santo, poderá trazer um melhor entendimento em relação a esta sobre Francisco.⁴¹

Também é contraditório verificar que a *Vita Brevior* contenha adições, e não somente supressões, como se poderia imaginar, quando comparada com as outras hagiografias. Como bem salientou Jacques Dalarun, “ele [Tomás de Celano] não reduziu seu texto anterior tanto quanto deveria: no começo da nona leitura, a narrativa ainda está no recrutamento dos primeiros companheiros”.⁴² Assim sendo, pode-se afirmar que esta hagiografia não é uma versão reduzida, mas sim uma *nova hagiografia, ou a segunda hagiografia, jamais escrita sobre Francisco*.

A descoberta realizada por Dalarun adquire um peso ainda mais significativo se considerarmos a introdução da “Legenda para uso do coro”. De caráter litúrgico, a abertura do documento traz uma clara menção à *Vita Brevior*:

Tu me pediste, Frei Bento, que escolhesse certos elementos da Legenda de nosso beatíssimo pai Francisco e as ordenasse em uma série de nove leituras para serem postas nos breviários, para que, sendo breves, estivessem ao alcance de todos.⁴³

Mas eis outra questão: o *frater benedictus* (frei Bento, em tradução livre) se refere a quem? A um desconhecido “frei abençoado” ou a um frade do período, havendo uma segunda proposta de tradução? Jacques Dalarun propõe que poderia ser frei Bento de Arezzo, então ministro provençal da província da Grécia.⁴⁴ Dando crédito às fontes do período, esse ministro teve conhecimento da indulgência obtida por Francisco de Assis frente ao papa Inocêncio III. É possível que frei Leão também estivesse presente nesse ato.⁴⁵ Dessa forma, considerando as constatações de Dalarun, por que este frade solicitou “resumir o resumo”? Estaríamos diante de um confronto em torno da memória de Francisco?

Assim sendo, duas movimentações são aqui propostas: não somente confrontar a nova hagiografia e estabelecer seus nexos e conexões com outros documentos e hagiografias do período, mas também entender as tramas e discussões internas à Ordem, a partir de uma

⁴¹ MULDER-BAKER, A. B. The invention of saintliness: texts and contexts. In: MULDER-BAKER, A. B. (org.). *The Invention of Saintliness*. Londres: Routledge, 2002, p. 13.

⁴² DALARUN, J. *Op. cit.*, p. 16.

⁴³ “Tu m’as demande, frère Benoît, d’extraire certains éléments de la *Légende de notre très bienheureux père François* et de les ordonner em une série de neuf lectures, de la façon dont eles devraient être mises dans les bréviaires: en raison de leur brièveté, tous pourraient ainsi les avoir”. *Idem*, p. 687.

⁴⁴ *Idem*, p. 680.

⁴⁵ CAROLI, E. (org.). Il diploma di Teobaldo e l’indulgenza della Porziuncola. In: CAROLI, E. (org.). *Fonti Francescane: Nuova Edizione*. Pádua: Editrici Francescane, 2003, pp. 1699-702.

interpretação que contemple a construção de “formas de governo” dentro da *fraternitas*. Essa abordagem se assemelha ao conceito de “história corporativa” proposta pelo historiador Michael Vargas ao analisar os conventos dos Dominicanos na Península Ibérica: é necessário atentar-se às disputas “individuais” dos frades, vinculando-as também com as normas preestabelecidas dentro da Ordem, em um processo de constante transformação decorrente das próprias conexões realizadas pelos personagens históricos.⁴⁶

Forma(s) de governo?

A partir da leitura realizada, julgamos que o documento pouco contribui para uma nova abordagem sobre a biografia de Francisco.⁴⁷

Contudo, isso não invalida a sua importância, posto que é uma peça de um quebra-cabeça mais amplo, e permite, assim, compreender um período conflituoso no interior da Ordem, quando propicia a aparição, ou ainda uma modificação, de fatos que não foram relatados em outras composições. Poderá também desempenhar papel crucial para a tentativa de resolução da dita “questão franciscana”.

A descoberta da nova hagiografia permite ampliar os entendimentos sobre a Ordem dos Frades Menores entre os historiadores. Em certa medida, a *Vita Brevior* pode ser interpretada como fruto de conflitos específicos, de disputas sobre a memória de Francisco e de propostas – não totalmente antagônicas entre si – que modificavam os rumos da Ordem.

A menção feita por Tomás de Celano por conta do conteúdo prolixo da primeira hagiografia sobre Francisco indica uma dificuldade – ou um conflito? – por parte dos frades de compreender a *forma vitae* realizada pelo santo. Se a nova hagiografia pode ter servido como uma tentativa de legitimação de frei Elias, também pode ter servido como um mecanismo de consolidação de uma ala “mais radical” no interior de uma ordem cindida, já que o ministro-geral foi um “homem fortemente ligado a Francisco e ainda vinculado ao sistema de governo sancionado na *Regra Não Bulada*”.⁴⁸ E a isso retornamos à questão autoral e seus usos: estaríamos diante de um documento com fins de legitimar uma ala “mais

⁴⁶ VARGAS, M. *Taming a Brood of Vipers. Conflict and Change in Fourteenth-Century Dominican Convents*. Leiden: Brill, 2011, p. 2-3.

⁴⁷ PRINZARELLI, E. Un santo da leggere: Francesco d’Assisi nel percorso delle fonti agiografiche. In: VV.AA. *Francesco d’Assisi e il primo secolo di storia francescana*. Turim: Einaudi, 1997, p. 79.

⁴⁸ “[...] uomo fortemente legato a Francesco e ancora fermo [...] al sistema di governo sancito dalla *Regula non bullata*.”. ACCROCA, F. *Ordinem vestrum: Un pronunciamento fragile e resistente*. In: *Frate Francesco*, n. 2, 2015, p. 477.

radical”, e por conta disso houve a interferência de membros deste grupo na redação da hagiografia?

As transformações no interior da Ordem, em todo caso, já se verificavam enquanto Francisco ainda estava vivo. É oportuno lembrar que tais mudanças produziram as condições para a denominada “grande tentação” de Francisco, termo cunhado pela historiografia para descrever seu afastamento – e talvez decepção – frente aos destinos da Ordem após o Capítulo geral de 1222. De tal forma, a institucionalização da fraternidade se deu a partir de uma adequação da *forma vitae* às necessidades do período sem que houvesse uma ruptura com os ideais de Francisco.

A produção dessa hagiografia também se inseriu em um momento crucial para os posteriores destinos da Ordem. A anulação do Testamento de Francisco a partir da bula *Quo Elongati*, de Gregório IX, “flexibilizou” os fundamentos da “Senhora Pobreza” preconizada por Francisco de Assis. Contudo, a historiadora Veronica Aguiar alega que “[...] com a promulgação da *Quo Elongati* nasceu uma discussão teórica sobre a pobreza jurídica dos preceitos normativos franciscanos e o Testamento continuou a ser objeto de agregação ou negação”.⁴⁹. Mesmo que a emissão desta bula possivelmente seja anterior à hagiografia, já que, conforme visto, a *Vita Brevior* certamente foi composta após 1232, não seria lícito pensar que o documento visou calcar, em um momento em que a discussão sobre a pobreza ganhava fôlego, determinada interpretação da *forma vitae* de Francisco?

Em nosso entender, o silêncio frente a esse importante percalço por parte da Ordem pode ser um indício da tentativa de restaurar uma pobreza vivida, uma conversão entre os pobres, e não somente uma pobreza teorizada e discutida no interior da Ordem, em um período que esta se voltava cada vez mais às universidades, para mencionar apenas um aspecto das transformações ocorridas. Além disso, pode-se pensar que esta supressão não é aleatória, mas indica a vontade de “eliminar, ou ao menos de reduzir, qualquer tipo de mediação entre Francisco e o projeto de vida evangélica que o Senhor havia lhe indicado”.⁵⁰.

A omissão de detalhes sobre o encontro com o bispo Guido II de Assis também possibilita pensar na tentativa de construção de formas de governo no interior da Ordem. A *Vita Prima* relata que o pai de Francisco perseguia o filho por conta de sua conduta, cada vez mais afastado do mundo dos negócios. Na tentativa de se desvencilhar de sua família,

⁴⁹ AGUIAR, V.A.S. *A construção da norma no movimento Franciscano: Regulae e Testamentum nas práticas jurídicas mendicantes (1210-1323)*. 2010. 263 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁵⁰ GUIDA, M. *Op. cit.*, p. 203.

Francisco busca refúgio na figura do bispo da cidade, sendo que este cobre o frade com o seu manto. Se este ato apresenta um aspecto jurídico, já que Francisco passaria a estar submetido à jurisdição eclesiástica, há de se pensar o motivo de sua supressão na *Vita Brevior*, tendo o relato reduzido a uma única sentença: “como doravante cessava a perseguição paterna”.⁵¹. Tal como afirmou Jacques Dalarun, “[...] tanto Gregório IX quanto Elias lutaram para afirmar a exceção da Ordem dos Frades Menores em relação aos bispos comuns”.⁵². Estariam empenhados, portanto, a uma determinada *forma vitae* proposta aos franciscanos, em um processo contraditório que envolveu tanto as questões internas da Ordem, quanto às da própria Santa Sé?

Para tanto, necessitamos delimitar também o que entendemos por governo e formas de governo/governar. Seguimos as premissas de Giorgio Agamben sobre essas noções, incluindo ainda a noção de *oikonimia*, ou seja, uma noção que permite compreender o funcionamento e articulação da arte de governar. Para o autor, “os paradigmas do governo e do estado de exceção coincidem na ideia de uma *oikonomia*, de uma *práxis gerencial que governa o curso das coisas, adaptando-se a cada vez em seu intento savífico*.”⁵³.

A partir dos estudos desenvolvidos por este mesmo filósofo sobre a *forma vitae* dos próprios franciscanos, podemos pensar que “o sentido de *forma* é, nesse caso, exemplo, paradigma [...] mas *não coincide com a aplicação de uma lei universal*”⁵⁴, ou ainda que “a forma do Santo Evangelho não é de forma alguma redutível a um código normativo”⁵⁵. Em outras palavras: se a hagiografia não visava erigir uma forma de vida, objetivava recordar a proposta de Francisco, calcada nos ideais de submissão e pobreza absoluta.

Tais hipóteses, contudo, necessitam de aprofundamento em seus pormenores, sendo que também podem ser contrapostas a partir de outra interpretação: conforme visto, a *Vita Brevior* serviu de base para a redação da “Legenda ao uso do coro”, um documento para uso litúrgico. A redação desta última obra, portanto, não tornaria “obsoleta” a *Vita Brevior*, mesmo que este documento não tenha saído totalmente de cena, tendo que esperar a decisão de Boaventura, em 1263, pela proibição da circulação de outras hagiografias que não a sua?

⁵¹ DALARUN, J. *Op. cit.*, p. 42.

⁵² *Ibidem*. p. 27.

⁵³ AGAMBEN, G. *O Reino e a glória*. Uma genealogia teológica da economia e do governo. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 64. (grifos nossos).

⁵⁴ *Idem*. *Altíssima pobreza*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 101. (grifos nossos).

⁵⁵ *Ibidem*. p. 103.

Conclusão

Conforme se verificou, a *Vita Brevior* faz parte de um difícil quebra-cabeça sobre as fontes franciscanas. Produzida pouco tempo após o seu modelo, surge em um momento de discussões sobre a herança da mensagem de Francisco.

Apesar de ser um modelo abreviado, contém novas informações. Ela pouco inova em relação à representação do frade que os historiadores já possuem. As noções de “princípio único” ou “o amor de Francisco por toda criação”, ou, ainda, a juventude festiva e desregrada do frade já são conhecidas e bem documentadas entre seus pesquisadores e biógrafos.

Cabe salientar que essas afirmações não invalidam a importância da descoberta, pelo fato de que, se a hagiografia foi produzida em um período de conflitos e disputas de memória, pode lançar luzes sobre o seu contexto de produção. Um texto não está dissociado dos enredos que o constituíram; um hagiógrafo interfere na redação frente às contingências e necessidades de seu tempo, encontrando pressões e determinações para o seu ofício.

Dessa forma, procuramos identificar que Tomás de Celano produziu a nova hagiografia na tentativa de consolidar determinada forma da memória de Francisco, e isso explica o porquê da encomenda ter sido realizada por frei Elias: trata-se de uma questão interna à Ordem dos Frades Menores. É possível, ainda, pensar se esta hagiografia não foi produzida em resposta à tentativa do ministro-geral de se reafirmar frente aos franciscanos “universitários”, por assim dizer.

Ela se insere, portanto, em um momento crucial para a construção de formas de governo dentro da Ordem. A questão do poder em Francisco readquire aqui um peso fundamental.

As modificações textuais identificadas na *Vita Brevior*, se comparadas ao seu modelo, são frutos dessas disputas. Por conta disso, Andreia Cristina Lopes Frazão afirmou que os escritos sobre Francisco engendraram múltiplas memórias sobre seu “legado”, sendo que as questões levantadas pelos frades tiveram diferentes respostas ao longo dos *generalatos*.⁵⁶ Dessa forma, acreditamos que a nova hagiografia também seja resultado dessas disputas.

Por fim, é necessário lembrar que a hagiografia vem trazendo diferentes discussões na comunidade acadêmica. Por se tratar de uma recente descoberta, poucos estudos foram desenvolvidos. Sugerimos, portanto, que os estudiosos sobre o franciscanismo realizarem um estudo mais sistematizado do *corpus* hagiográfico sobre Francisco, pensando nos

⁵⁶ SILVA, A.C.L.F. Reflexões sobre a produção literária franciscana no século XIII. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, v. 29, n. 42, p. 107-137, dez. 2009, p. 130.

silenciamentos e adições que a *Vita Brevior* proporciona. Paralelamente a isso, pensar a centralidade desempenhada por Tomás de Celano nesse processo: isso não significa relegar a um segundo plano a figura de Francisco de Assis, mas compreender o processo de disputas hagiográficas como algo mais amplo, cujo papel do hagiógrafo não pode ser minimizado. Em outras palavras, pensar como as hagiografias foram usadas como ferramentas de disputas internas à Ordem, e como as memórias sobre Francisco de Assis foram apropriadas e reelaboradas nesses documentos. Por último, mas não menos importante, analisar a redação da *Vita Brevior* com as *Atas dos Concílios Gerais* da Ordem⁵⁷ pensando nas possíveis interferências realizadas a partir destas na redação final da *Vita Brevior*, em uma tentativa de estabelecer determinada *forma de governo* para os franciscanos.

Reafirmamos que o caráter deste artigo é de introdução à recente hagiografia e um convite aos demais pesquisadores a se debruçarem sobre o documento. Afinal de contas, como já havia alegado Jacques Dalarun no momento de descoberta da *Legenda da Úmbria*, “a caça às hagiografias franciscanas não está fechada. O retorno aos manuscritos é mais do que necessário.”⁵⁸.

Nossa história, portanto, está apenas começando.

Referências bibliográficas

Documentos

- CAROLI, E. (org). *Fonti Francescane*: Nuova Edizione. Pádua: Editrici Francescane, 2003.
- CENSI, C; MAILLEUX, R.G. *Constitutiones Generales Ordinis Fratrum Minorum, I (Saeculum XIII)*. Grottaferrata: Fratri Editori di Quaracchi, 2007.
- DALARUN, J. Thomas de Celano Légende Ombrienne. In: DALARUN, J. (Org.). *François d'Assise. Écrits, Vies, témoignages*. Paris: Éditions du CERF/Éditions Franciscaines, 2010.
- DALARUN, J. (org). *François d'Assise: Écrits, Vies, témoignages*. Édition du VIIIe Centenaire. Paris: Editions du CERF/Éditions Franciscaines, 2010
- DALARUN, J. *A vida descoberta de Francisco de Assis*. Tradução de Igor Salomão Teixeira. Porto Alegre: UFRGS, 2016.
- DALARUN, J. Thome Celanensis Vita Beati Patris Nostri Francisci (Vita Brevior). Présentation et édition critique. *Analecta Bollandiana*, vol. 133, n. 1, 2015.
- VITA PRIMA DI S. ANTONIO O ASSIDUA (c. 1232). Introdução, texto crítico, versão italiana e notas por Vergílio Gamboso. Pádua: Edizioni Messaggero Padova, 1981.

Livros

⁵⁷ CENSI, C; MAILLEUX, R.G. *Constitutiones Generales Ordinis Fratrum Minorum, I (Saeculum XIII)*. Grottaferrata: Fratri Editori di Quaracchi, 2007.

⁵⁸ “la chasse aux légendes franciscaines n’est pas close. Le retour aux manuscrits est plus que jamais nécessaire”. DALARUN, J. *Op. Cit.*, p. 797.

- AGAMBEN, G. *Altíssima pobreza*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- AGAMBEN, G. *O Reino e a glória*. Uma genealogia teológica da economia e do governo. São Paulo: Boitempo, 2011.
- FRUGONI, C. *Vida de um homem*: Francisco de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LESSA, S. *Para compreender a ontologia de Lukacs*. São Paulo: Instituto Lukacs, 2015.
- LUKACS, G. *Para uma ontologia do ser social*. Vol. II. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MICCOLI, G. *Francisco*: O santo de Assis na origem dos movimentos franciscanos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- RIGON, A. *Dal libro alla folla*: Antonio di Padova e il francescanesimo medioevale. Roma: Viella, 2002.
- THOMPSON, A. *Francis of Assisi: A New Biography*. Cornell: Cornell University Press, 2012.
- VARGAS, M. *Taming a Brood of Vipers*. Conflict and Change in Fourteenth-Century Dominican Convents. Leiden: Brill, 2011.
- VAUCHEZ, A. *Francisco de Assis*: Entre história e memória. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

Capítulos de livros

- DALARUN, J. Il nuovo Francesco nella Vita Ritrovata, In: KUMKA, E. (org.). *Tommaso da Celano, agiografo di San Francesco*. Roma: Casa Editrice Miscellanea Francescana, 2016.
- DALARUN, J. La Légende ombrienne et la résolution de la question franciscaine. In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 151^e année, N. 2, 2007. pp. 781-797.
- DALARUN, J. The New Francis in the Rediscovered Life (Vita Brevior) of Thomas of Celano. In: CUSATO, M.F.; JOHNSON, T.J; MCMICHAEL, S.T. (Orgs.). *Ordo et Sanctitas: The Franciscan Spiritual Journey in Theology and Hagiography*. Leiden: Brill, 2017.
- LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- MULDER-BAKER, A. B. The invention of saintliness: texts and contexts. In: MULDER-BAKER, A. B. (org.). *The Invention of Saintliness*. Londres: Routledge, 2002
- PHILIPPART, G. Introduction. In: PHILLIPART, G.; GOULLET, M (orgs.). *Hagiographies: Histoire internationale de la littérature hagiographique latine et vernaculaire en Occident des origines à 1550*. International History of the Latin and Vernacular Hagiographical Literature in the West from its Origins to 1550. Turnholt: Brepols, 1994.
- PHILLIPART, G. L'édition médiévale des legendiers latins dans le cadre d'une hagiographie générale. In: FOOTE, P. et alli (orgs). *Hagiography and Medieval Literature: A Symposium*. Odense: Odense University Press, 1981.
- PRINZARELLI, E. Un santo da leggere: Francesco d'Assisi nel percorso delle fonti agiografiche. In: VV.AA. *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*. Turim: Einaudi, 1997
- PYRON, S. François d'Assise et les créatures: le témoignage de la Vita breviar. In: IRIBARREN, I.; VINEL, F. (orgs.). *La restauration de la création: quelle place pour les animaux?* Leiden: Brill. No prelo.

Artigos em periódicos

- ACCROCCA, F. Da Tommaso a Tommaso. La Vita Beati Patris Nostri Francisci nel panorama dell'agiografia francescana. In: *Frate Francesco*, n. 1., 2017.
- ACCROCCA, F. *Ordinem vestrum*: Un pronunciamento fragile e resistente. In: *Frate Francesco*, n. 2, 2015.

FIELD, S. New light on the 1230s: History, hagiography and Thomas of Celano's The Life of Our Blessed Father Francis. In: *Franciscan Studies*, vol. 74, n. 1, 2016.

GUIDA, M. Dalla Vita Beati Francisci alla Vita Brevior di Tommaso da Celano: Per un confronto sinottico. In: *Frate Francesco*, n. 1., 2017.

HOROWSKI, A. Intorno alla "Vita Ritrovata" di San Francesco edita da Jacques Dalarun. In: *Collectanea franciscana*, vol. 86, n. 1-2, 2016.

MAGGIONI, G.P. La Vita Ritrovata di San Francesco. L'edizione critica della Vita Beati Patris Nostri. In: *Frate Francesco*, n. 1., 2017.

SILVA, A.C.L.F. Reflexões sobre a produção literária franciscana no século XIII. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, v. 29, n. 42, p. 107-137, dez. 2009.

Entrevistas em jornais

GUIDI, S. *Il San Francesco ritrovato. A colloquio con Jacques Dalarun*. Disponível em: <http://www.osservatoreromano.va/it/news/il-san-francesco-ritrovato>. Acesso em 21 de agosto de 2017.

VINCENT, C. La vie retrouvée de François d'Assise. *Le Monde*, Paris, 24. Jan. 2015.